

NÃO PINTCHA

* ORGAO DO COMISSARIADO DE ESTADO DE INFORMAÇÃO E CULTURA *

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS: AVENIDA DO BRASIL, CENTRO DE IMPRENSA

TELEFONES: 3713/3726/3728

BISSAU

Entusiástico acolhimento ao Presidente Eanes

● Em Cantchungo e Cacheu, todo o povo esteve na rua



Foi num ambiente de entusiástica manifestação que o povo da capital acolheu a chegada, na tarde de anteontem, do Presidente António Ramalho Eanes, Presidente da República Portuguesa, no início da sua histórica visita ao nosso país, que se prolongará até domingo. Mas os momentos mais vibrantes de carinho popular, viveu-os o nosso hóspede de honra nas deslocações que ontem fez a Cantchungo e Cacheu, onde pode dizer-se, todo o povo esteve na rua.

Acolhido pelo seu homólogo e anfitrião, camarada Presidente Luiz Cabral, o chefe de Estado português, que era acompanhado por sua esposa, D. Maria Manuela Ramalho Eanes e por uma numerosa comitiva de que se destacam o capitão Marques Júnior, membro do Conselho da Revolução, os ministros dos Negócios Estrangeiros e dos Transportes

e Comunicações e o secretário Nacional da Cultura, foi de imediato envolvido por manifestações de carinho popular que haveriam de caracterizar estes dois primeiros dias de visita.

No quadro de cerimónias protocolares de boas-vindas, os orgulhosos combatentes das FARP de terra, mar e ar desfilarão perante o Presidente eleito da nação portuguesa livre. Ficou, neste momento, bem patente perante o mundo e a história, que Ramalho Eanes que conhece no nosso país uma calorosa acolhida é o chefe de um Estado com o qual mantém relações baseadas no respeito mútuo e viradas para uma cooperação fraterna, e não o representante da antiga potência colonial.

Na hora em que o ilustre visitante português pisava o chão da Pátria de Amílcar Cabral, ribombar pautado da salva de 21 tiros de canhão misturou-se aos gritos de vivas ao general Ramalho Eanes, ao camarada Presidente Luiz Cabral, ao PAIGC e aos nossos dois países, ao som de tamboretas e do bater de palmas do grupo artístico-cultural de «Esta é a nossa Pátria Amada» e das «mandjuandades».

A população acorreu ao aeroporto de Bissalanca em camiões o autocarros e muitas outras pessoas reuniram-se no longo da estrada, desde o Hospital 3 de Agosto, passando pelas bombas de gasolina, até à concentração na Praça dos Heróis Nacionais, em frente ao Palácio da República, onde viria a parar cinco minutos o general Eanes, em saudação ao povo da capital. As chaves da cidade foram-lhe entregues pelo vice-Presidente do Comité de Estado da Cidade de Bissau, camarada Paulo Pereira de Jesus, na presença de centenas de populares.

Foi significativa a homenagem prestada ao hóspede de honra pelos Pioneiros «Abel Djassi», no Palácio da República, ao responderem em unísono e com o braço erguido, à voz de um dos companheiros «Nós somos os continuadores de Cabral». Cantaram-se a luta e as vitórias dos nossos combatentes da liberdade da Pátria: «É mata Cabral, pá ganha guerra, Ca-

bral gora i cata murri... M dita di costa e bumbura Guiledje curi som cu çóm»...

A seguir, o programa previa a deposição de uma coroa de flores no Mausoléu de Amílcar Cabral, na fortaleza da Amura, onde o general Ramalho Eanes, acompanhado pelo Comissário Príncipe Comandante Nino Vieira, depositou, ele próprio, a coroa de flores junto ao monumento em homenagem ao líder da luta de libertação dos povos da Guiné e Cabo Verde. A campanha de Francisco Mendes também mereceu um gesto de homenagem a dirigentes portugueses.

Poucos minutos depois, dois chefes de Estado vieram a encontrar-se, de vez no Palácio presidencial em conversa privada, durante a qual trocaram presentes em um quadro esculpido em madeira por jovens artistas bissauenses para o chefe de Estado português e um belíssimo pete de Arraiolos para o general Cabral.

A exposição fotográfica sobre aspectos monumentais e sobre a pesca artesanal de Portugal foi inaugurada na mesma tarde, às 18 e 30, pelos dois estadistas.

Uma sessão cultural foi dada a cabo durante o jantar oferecido pelo camarada Cabral, e após os discursos dos dois presidentes encerra o programa do primeiro dia.

(Continua na página 8)

Boavista vence Taça-Amizade

O Boavista Clube de Portugal que se deslocou ao nosso país no quadro da visita do Presidente da República Portuguesa, conquistou ontem à noite, no Estádio Lino Correia, a «Taça Amizade» Portugal — Guiné-Bissau, ao derrotar a selecção nacional guineense por 5 bolas a zero.

No final deste encontro, o capitão da equipa axadrezada recebeu o troféu das mãos do camarada Luiz Cabral, Presidente do Conselho de Estado, na presença do Chefe de Estado português, o general António Ramalho Eanes. Presenciaram ainda este encontro

(Continua na página 8)

Tropas chinesas penetram 30 kms no interior do Vietnam

- Enérgica resposta de Hanói
- Não-Alinhados tentam mediação

HONG KONG 21 — O Vietnam continua a combater corajosamente a ofensiva chinesa desencadeada no passado dia 17. Importantes movimentos de tropas foram anunciados ontem em Hanói. Unidades do exército regular vietnamita foram reforçar a milícia e as forças regionais que resistem à investida chinesa.

Combates entre chineses e vietnamitas desenrolam-se em Cao Bang (trinta quilómetros no interior do território do Vietnam), declarou ontem à tarde em Hanói, o vice-minis-

tro vietnamita dos Negócios Estrangeiros, NGuyen Co Thac.

É a primeira vez, desde o início da invasão, que as tropas chinesas penetram tão profundamente no território. O vice-ministro confirmou por outro lado que a cidade de Lao Cai estava ocupada pelas forças chinesas.

A «Rádio-Hanói», captada em Hong-Kong, anunciou que mais de 2 mil chineses foram mortos ou feridos na terça-feira pelas forças vietnamitas. Esta cifra aumenta para 7 mil o número de perdas chinesas anunciadas pelo Viet-

nam, desde o início da guerra.

Dando precisões sobre os combates de anteontem, a rádio precisou que, só nas províncias de Cao Bang (centro da região fronteiriça) e de Lag Son, as unidades vietnamitas repeliaram um milhar de chineses e destruíram cinco carros blindados. A Este da zona fronteiriça, durante os combates travados nos arredores da localidade de Dong Dang, a «Rádio-Hanói» assegurou que uma companhia chinesa foi liquidada e cinco blinda-

(Continua na página 8)

José Araújo em Cabo Verde

Com o objectivo de preparar as próximas reuniões do Comité Executivo de Luta e do Conselho Superior de Luta do Partido que terão lugar em S. Vicente de 1 a 5 de Março seguiu ontem para a República irmã de Cabo Verde, o camarada José Araújo, Secretário Executivo do CEL.

Na reunião do CSL, a primeira extraordinária deste ano, far-se-á um balanço dos esforços do PAIGC, e ver-se-á em que medidas foram preenchidos os objectivos fixados na sua última reunião. Segundo José Araújo, serão traçadas novas directrizes, definidas novas tarefas para que se possa «continuar na missão que cabe a todos nós, que é o de fazer o Partido uma organização cada dia mais organizada e cada dia capaz de orientar a vida política da nossa sociedade».

A agenda de trabalhos ainda não foi fixada mas, no entanto, pensa-se que um dos

pontos visa as comemorações que terão lugar por ocasião do XX Aniversário do Movimento de Pindjiguiti e a transferência dos restos mortais dos nossos heróis da luta pela libertação nacional. Por outro lado, os problemas gerais da vida do Partido, a organização interna e as relações internacionais serão também abordadas durante os trabalhos do CSL.

Sendo o Partido, a força dirigente das sociedades de Guiné-Bissau e Cabo Verde, o CSL irá tratar também grandes questões que preocupam neste momento os nossos Governos «que vão também um ano de esforço no sentido de fazer do Aniversário do Massacre de Pindjiguiti, um ano de um passo em frente, um ano de uma luta pelo arranque dos nossos países para o desenvolvimento» — precisou-nos ainda o camarada José Araújo à partida para Cabo Verde.

Centro de férias para crianças

Domingo, onze de Fevereiro de 1979. Dez horas. Algararra, areia branquinha e maré cheia. Tudo ali estava em plena comunhão de alegria. Alegria das crianças por os seus directores lhes terem proporcionado aquela viagem até junto das ondas amigas do nosso mar. Alegria do mar por ter junto de si aquelas oitenta crianças do Internato Jardim-Escola «Josina Machel», crianças de hoje, adultos de amanhã com boa formação recebida na casa que é sua. Cada um brincava à sua maneira, sem qualquer vigilância rigorosa dos seus superiores; havia grupos em que uns tomavam banho, outras nas habituais traquinices e ainda outros — quem sabe, talvez futuros escultores — construam na areia bonecos e outras coisas. Tudo isto observei do paredão que nos separa da praia. Poucos teriam encarado a permanência dessas crianças no ponto de vista saudável, educativo e instrutivo. Deixamos este pormenor para os professores, que, estou certo, terão explicado às 80 crianças o que significa para eles essa permanência na praia. Estamos no Ano Internacional da Criança; todos os adultos têm o dever de acompanhar este ano como o da aprendizagem na parte educativa da criança. Começamos pelos nossos filhos: que lhes podemos explicar de proveitoso se nós não recebemos uma instrução adequada? Não nos envergonhemos de passar a vida a aprender; é a isto que, hoje mais do que nunca, temos de nos dedicar. Aprender e aprender muito para que os frutos da nossa aprendizagem tenham bom reflexo nos nossos filhos e, em geral, em todas as crianças a quem competirá no futuro, com mais conhecimentos, tomar o «Leme desta Pátria». Quanto a mim, haveria uma grande prenda a oferecer às crianças da nossa Guiné? — Instalar junto desse mar querido, dessa praia maravilhosa, dessas sombras saudáveis dos eucaliptos, mangueiros e cajueiros, uma «Estância de Férias», para que todas as crianças pudessem aprender a viver com a natureza. Para ali seriam enraminhados turnos de crianças dos Internatos, Escolas e, duma maneira geral, todas as crianças que viriam acompanhados dos seus professores. Quando regressassem às suas casas, ou aos seus Internatos, estou certo que dariam as prazeres de os ouvir contar o que aprenderam e as suas proezas. Também seria notório o seu aspecto saudável. Sejamos neste ano Internacional da Criança, muito amigos das crianças e, por tal motivo, dentro das nossas possibilidades, vamos todos contribuir com uma colecta à escala Nacional para a construção da dita «Estância de Férias». Responsáveis pelos Jardins-Escolas: — a vós compete dar força esta ideia; vamos construir ainda este ano a «Estância de Férias» para as nossas crianças como prenda do Ano Internacional da Criança. — A PRAIA DE OFIR ESPERA CONSTRUÇÃO

De alguém que ama da coração esta ilha

Antigos alunos da Escola Piloto elaboram programa de trabalho

A Associação dos Antigos Alunos da Escola Piloto realizou de 16 a 18, no salão Abel Djassi, a sua 3ª Assembleia anual, que culminou com a eleição de novos corpos directivos, aprovação do relatório apresentado pelo presidente do conselho directivo, elaboração do novo programa de actividades a levar a cabo neste ano e solução do problema de quota.

Vicente Bigna e Matilde Indequê foram eleitos presidente e vice-presidente da Associação, cargos esses que tinham sido ocupados pelo engenheiro Nhama da Costa

e por Jorge Felipe de Barros, Hipólito Djata, ex-presidente do conselho fiscal, passou para secretário. Para o conselho directivo, foram eleitos Kalifa, para vice-presidente, Adolfo, para secretário e Bubacar Demba para o cargo de tesoureiro. Tumane Turé continua no posto de presidente deste órgão. Para vogais foram nomeados os seguintes associados: Abdulai Keita — 1º vogal, lancuba Injai — 2º vogal e Manga — 3º vogal. O conselho fiscal passou a constituir-se de seguinte maneira: presidente — Domingos Tchentchelem, secretária —

Maria Nancanha e relator — Seco Intchasso.

Como novo programa de trabalho, a 3ª Assembleia da AAAEP que foi honrada na sessão de abertura com as presenças das camaradas Ana Maria Cabral, directora do Departamento de Edição e Difusão do Livro e Disco do CEIC, Líllica Boal, directora do Instituto de Amizade, e Esperança Robalo, membro da Comissão Feminina do PAIGC, e, na sessão de encerramento, do camarada Domingos Brito, do Secretariado do Partido, destaca-se do seu programa de trabalho o seguinte:

Criar um centro cultural e de produção (campos agrícolas), prestar ajuda ao Instituto de Amizade e aos internatos infantis, no âmbito do Ano Internacional da Criança, colaborar nas comemorações do XXº aniversário do massacre de Pindjiguiti, desenvolver actividades desportivas, e elaborar o orçamento para os vários departamentos existentes e o regulamento interno.

Quanto ao problema das quotas, foi designado para cada departamento estatal um associado que se encarregará de fazer a sua cobrança. O mesmo sucederá nas regiões,

Duas viaturas da URSS para a nossa Cruz Vermelha

«Esta cerimónia escreve mais uma página no desenvolvimento da amizade e cooperação entre as nossas organizações sociais», frisou Viatcheslau Semenov, embaixador da URSS, na entrega de duas viaturas civis, de tipo jeep, oferta da Cruz Vermelha Soviética à sua congénere guineense, acto que teve lugar na passada segunda-feira,

na ponte-cais. Da nossa parte esteve presente o camarada Nicolau Ramos, membro da Cruz Vermelha da Guiné-Bissau e alguns elementos da referida organização. Recordamos que a presidência daquele organismo é assumida pela camarada Carmem Pereira, membro do CEL do Partido, que neste momento se encontra ausente do país, por motivos de saúde.

O diplomata soviético assinalaria durante a cerimónia os laços particulares que unam os nossos povos, desde a luta de libertação.

O embaixador da URSS mostrou-se, por outro lado, convencido de que existem todas as condições para o fortalecimento ulterior da nossa cooperação. Nicolau Ramos, por sua vez, referiu-se ao apoio que as organizações congéneres soviética tem dado a nossa Cruz Vermelha desde a sua criação. No quadro das relações de cooperação, representantes das duas organizações visitaram-se durante o ano passado.

Nicolau Ramos, por sua vez, referiu-se ao apoio que as organizações congéneres soviética tem dado a nossa Cruz Vermelha desde a sua criação. No quadro das relações de cooperação, representantes das duas organizações visitaram-se durante o ano passado.

Cooperação com Portugal no domínio de agricultura

Partiu na segunda-feira para Portugal o camarada Luis Cândido, director-geral dos Serviços do Comissariado de Estado do Desenvolvimento Rural, para uma estadia de 15 dias em que terá contactos com as autoridades portuguesas da agricultura.

Na capital portuguesa, Luis Cândido impulsio-

ará alguns protocolos de acordos que já tinham sido assinados na recente reunião da Comissão Mista Luso-Guineense e também contactará com vários organismos sobre a organização de estágios para assistentes técnicos e sobre importação de produtos agrícolas de origem portuguesa.

Gincana de automóveis

O Centro de Formação do Banco Nacional da Guiné-Bissau leva a efeito no dia 1 de Março, pelas 20 e 30, no estádio Lino Correia, uma gincana automobilística.

Esta iniciativa insere-se no quadro das comemorações do terceiro Aniversário da Reforma Monetária do nosso País. As inscrições, que decorrem neste momento, encerrarão-se no dia 26 do corrente. Todas as informações serão prestadas no Centro da Formação do B.N.G.

Para este acontecimento desportivo serão distribuídos três prémios bastante significativo: ao primeiro classificado será atribuído 10 mil pesos, 7 500 ao segundo e mil para o terceiro.

Responde o povo

População de Empada fala sobre o desenvolvimento do sector (conclusão)

Criar condições às populações para que possam contribuir para as tarefas da «cumpo terra» é uma das prioridades, senão a primordial, do Partido e do Governo. Contudo, embora essa preocupação tenha sido uma constante da nossa política, factores há (económicos, sobretudo), que não facilitam o cumprimento de tais directrizes: primeiro, a falta de quadros especializados em diversos sectores de actividades; segundo, a escassez de infraestruturas indispensáveis à consecução de tais objectivos.

Foi isso que aliás constatamos em Empada, durante a nossa estadia de algumas horas com o camarada Comissário Principal, aquando da inauguração da ponte. No número anterior falámos dos problemas ligados à agricultura, comunicações (concretamente da nova ponte), das actividades administrativas e da organização sindical. Hoje, retomamos o tema com a apresentação de depoimentos da população local sobre a saúde, o ensino, e sobre as actividades desenvolvidas pela organização juvenil, a JAAC.

TRANSPORTE: PRINCIPAL DIFICULDADE

No hospital de Empada trabalham um enfermeiro-chefe

e três socorristas, que conseguem atender uma média de 30 a 40 casos que diariamente se apresentam à consulta. Ten Também é um dos socorristas,

tas e é ele quem nos fala das principais dificuldades que enfrentam no sector. Segundo ele, a doença mais frequente é o paludismo. Os medicamentos não faltam, mas o hospital vê-se obrigado a evacuar os casos mais graves para Bolama, em vez de Catió, que fica mais perto.

Isto porque não há transporte, embora exista um «sintex», que neste momento está parado devido a falta de gasolina. O Comi é tem uma viatura mas também está avariada. Existe um projecto de construção de um novo hospital no sector, com melhores condições e, sobretudo, com camas para o internamento dos doentes, que neste momento não existem. Para além dos problemas apontados, faltam ainda o telefone e as partes as. O trabalho destas é feita pelos socorristas.

SERVIRO O PARTIDO E O POVO

«Estudar para melhor servir o nosso Partido e o nosso Po-

vo», é o lema do Internato Aerolino Cruz, de Empada. Era a primeira coisa que se notava à entrada das instalações do internato, situado no antigo quartel do exército colonial do sector. 117 alunos (da terceira à quinta classe) e oito professores vivem no internato, dedicando-se não só a actividades pedagógicas mas também políticas desportivas e produtivas. No que respeita ao trabalho produtivo, uma iniciativa, aliás de louvar, é a ajuda que os alunos dão à população, na época de lavoura e da colheita, sobretudo aos mais idosos e que não tem filhos. No último ano lectivo houve 80 aprovados e 60 reprovados. Segundo o camarada Victor dos Santos Pereira, um dos responsáveis pelo internato, isto deve-se ao facto de muitos alunos terem vindo de outras regiões com um certo atraso.

Como em toda a parte por onde passamos, existem também dificuldades. No Areoli-

no Cruz, segundo o nosso entrevistado, elas resumem-se à falta de transportes, (existe uma viatura que está avariada) de canalização de água (existe um projecto de abertura de poço) de carne (a caça só se pratica na época das chuvas) e de sementes de hortaliças. Mas, mesmo assim, o internato vai tentando superar com os meios de que dispõe, as dificuldades de momento.

A JAAC, organização juvenil está a lançar as suas raízes na região, através de campanhas de mobilização, de consciencialização e de politização dos seus simpatizantes e membros. «Em 75, conta António Vieira, responsável regional da JAAC, quando aqui cheguei, não havia ainda montadas nenhuma estrutura da organização». Foi preciso começar de início, com a sua implantação a nível de todos os sectores e secções, de modo a abarcar toda a ca-

mada jovem da região. A comissão local organiza comícios e sessões de trabalho produtivo para assinalar datas nacionais como forma de apoio à luta de povos em luta.

O sector onde encontra maior dificuldade é o de Tite, devido ao problema de comunicação. Este ano, a comissão está a desenvolver uma campanha de esclarecimento sobre a primeira conferência da organização e sobre a contribuição dos jovens em saudação ao acontecimento. Mas falta a colaboração entre os delegados regionais e a comissão e entre esta e a cúpula. Segundo o camarada António Vieira, um maior apoio por parte dos dirigentes máximos (quer dizer do secretariado nacional) encorajaria mais as iniciativas a serem levadas a cabo e davam uma maior impulso ao trabalho.

Futebol em Cabo Verde

Interrupção do campeonato para "arrumar a casa"

● entrevista com João Tavares

O desporto em Cabo Verde está a sofrer actualmente uma reestruturação em todos os níveis, que motivará possivelmente, uma interrupção no campeonato de futebol. Entre esses factores pode-se destacar o estado deplorável que se encontram os vários campos, e a necessidade de disciplinar e regularizar a situação dos clubes. A cerca deste problema entrevistámos o camarada João Tavares, director técnico da Direcção da Educação Física dos Desportos da República irmã de Cabo Verde.

«Nô Pintcha» — Soubemos que haverá uma lacuna na realização do campeonato nacional de futebol em Cabo Verde. O camarada poderá explicar-nos as razões deste interregno e prever a data do reinício do vosso campeonato?

João Tavares — Efectivamente, haverá uma paragem para a formação de novas estruturas da hierarquia desportiva, como a Federação Nacional e as respectivas Associações, que serão criadas em cada uma das ilhas. O estado dos campos é outro factor que joga, na medida em que a situação do piso é deplorável, tornando-os impraticáveis para a disputa de encontros. O arranjo destes campos urge e é uma das nossas preocupações.

Para além disso, existe a necessidade da publicação da legislação desportiva nacional, com base nos regulamentos das Federações e Confederações Africanas, sobretudo para os praticantes do futebol que é a única modalidade que actualmente se pratica em competições. Podemos acrescentar, a tudo isto, o problema da legalização de alguns clubes que não possuem estatutos, ou então têm-nos desactualizados. Isto significa que os corpos gerentes desses clubes não estão legitimamente formados. Mas a solução deste problema esta bastante avançada.

Por outro lado, no que respeita ao futebol, as comissões de estudo para os respectivos projectos prometeram entregar, no decorrer desta semana, à Direcção da Educação Física e Desportos, aqueles projectos, isto é, os estatutos, os regulamentos gerais da Federação, da disciplina, e das provas oficiais. De igual forma, a Direcção dos Desportos conta receber, brevemente, os regulamentos das Comissões Centrais e Regionais de Árbitros e, ainda, os das Associações Regionais de Futebol. Todos esses projectos serão

posteriormente submetidos à discussão e à aprovação.

Por isso, a Direcção dos Desportos, conjuntamente com os organismos desportivos da Praia e com os clubes da capital chegaram, numa reunião, à conclusão de que só com a nova estrutura seria conveniente reiniciar o campeonato. No que respeita às outras ilhas, a Direcção dos Desportos pensa levar a efeito uma reunião com obras de vulto.

Por iniciativa do delegado da ilha de S. Vicente, camarada Aquiles Fontes, o Estádio da Fontinha está a sofrer modelações com obras de vulto.

«NP» — Será que a falta de provas oficiais não afectará os jogadores, visto que estarão um certo período em inactividade?

J. T. — A não realização do campeonato não afectará grandemente os jogadores, visto que, por exemplo na Praia, os clubes estão assegurando a preparação dos seus atletas nos pequenos campos do subúrbio.

Apesar de tudo, espero que dentro de dois meses, o mais tardar, se poderá dar início as provas oficiais, desde que os clubes legalizem a sua situação e a dos seus atletas.

DESLOCAÇÃO A CHINA

«NP» — Com a paralização do campeonato, a selecção nacional terá forçosamente que parar com as actividades?

J. T. — A selecção nacional deslocar-se-á em princípio, este ano, à China, em Agosto ou Novembro, para onde foi convidada. Contamos iniciar em breve a preparação parcial da selecção, isto é com a escolha dos jogadores em cada ilha e reunir, posteriormente, os convocados para a verdadeira selecção numa das ilhas. Mas a concentração dos atletas em grande obstáculo a transpôr, dada a dispersão das ilhas. Contudo, estou convencido de que com a ajuda das entidades superiores tudo faremos, e a nossa

selecção deslocar-se-á a China para representar condignamente o nosso futebol.

No entanto, o nosso trabalho não ficará por aqui. A selecção continuará os seus trabalhos, embora parcialmente com vista a disputa da 2.ª edição da Taça Amílcar Cabral, que terá lugar em Banjul nos meados de Fevereiro do próximo ano. Digo parcialmente, não só devido dispersão das ilhas, mas também porque os jogadores são estudantes na sua maioria.

«NP» — Esta reestruturação do campeonato não influirá na maneira como o campeonato é disputado?

J. T. — A nova estruturação a dar ao desporto em Cabo Verde, no caso concreto o futebol, obrigará obviamente ao estudo de uma nova forma de se disputar as provas oficiais. Mas será objecto de um estudo aturado que se efectuará, com certeza, após se conhecerem os clubes que virão a filiar-se nas respectivas Associações Regionais. Por isso, pensamos criar Associações Regionais nas ilhas de Santiago, Sal, S. Antão e Fogo. Isto com o intuito de dar autonomia a toda as ilhas onde o futebol está mais avançado e onde existe maior número de clubes. Na ilha de Santiago, precisamente na Praia, ficarão as sedes das Federações das diferentes modalidades.

Entretanto, pensamos criar o Comité Nacional Olímpico para que possamos tomar parte nos futuros jogos africanos e noutras competições de carácter internacional. Para isso, deveremos possuir 5 Federações das diferentes modalidades filiadas nas respectivas Federações internacionais e nas Confederações africanas das mesmas modalidades. Envidaremos esforços para que isto seja uma realidade num curto espaço de tempo.

«NP» — Desporto não é só ao futebol. E uma das preocupações do Partido é a de incentivar a prática das diferentes modalidades no seio do povo. Como encararão as restantes modalidades na vossa nova estruturação?

J. T. — Está no projecto do Ministério da Educação e Cultura e também no da Direcção da Educação Física e Desportos

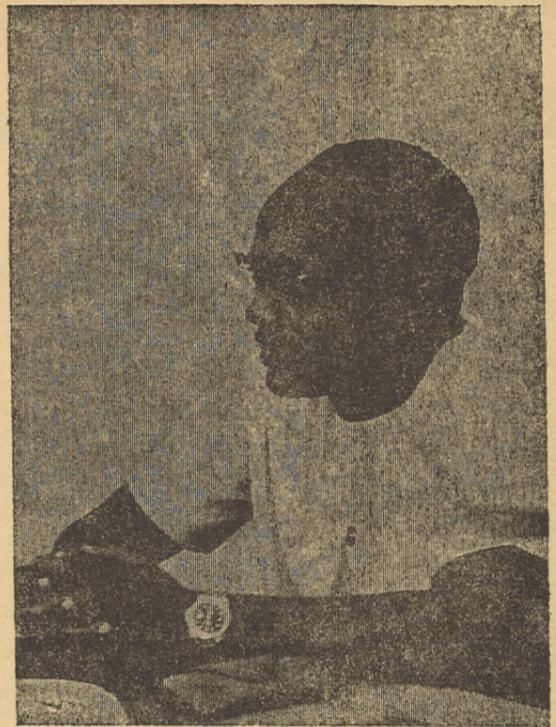
incentivar e apoiar a prática do basquete, andebol, atletismo e voleibol além do pugilismo, não falando do tennis e golfe que são modalidades que têm já uma organização bastante aceitável. Mas a enorme dificuldade que temos em material desportivo, aliado à falta de instalações, — as poucas existentes são património escolar contribuem grandemente para que a pratica do desporto, em Cabo Verde se resume apenas ao futebol e numa única categoria. No entanto, ainda este ano haverá possivelmente um intercâmbio de atletas de ambos os sexos entre a Guiné-Bissau e Cabo Verde.

Vejo este intercâmbio dentro do aspecto da unidade desportiva entre os dois países irmãos, como uma forma da nossa futura representação no contexto das competições africanas, em que os nossos dois países estão engajados. Esta participação deverá iniciar-se em casa, onde os resultados positivos ou negativos servirão para correcção e melhoramento, com vista a uma boa representação no exterior.

Após a reunião inter-governamental, reuni-me com os camaradas do Conselho Superior dos Desportos para assentarmos os pontos que interessam ao desenvolvimento do desporto nos nossos países irmãos e traçar, igualmente, as directrizes para o intercâmbio, não só a nível do desporto federado, como para definirmos ideias ao nível do desporto escolar.

«NP» — Com a interrupção do vosso campeonato, é lógico que os clubes não participarão em competições a nível africano...?

J. T. — Com ou sem campeonato, os nossos clubes não poderão participar em provas da C.A. A.F., por não estarem ainda filiados na FIFA. Esta filiação só será efectuado após a publicação dos estatutos e regulamentos da Federação. O que esperamos que aconteça antes do mês de Maio, para que terá lugar no mesmo apreciado na reunião do Comité Executivo da FIFA, que terá lugar no mesmo mês em Zurique (Suíça).



AMILCAR CABRAL

A prática revolucionária

VII. O OITAVO ANO DA LUTA ARMADA DE LIBERTAÇÃO NACIONAL (*)

3. A NOSSA ACÇÃO

No plano interno

No decurso destas acções e de outras menos importantes, as tropas coloniais perderam 24 oficiais e 794 soldados e outros militares (mortos confirmados), sendo o número de feridos confirmados de 458. Informações vindas de fontes dignas de crédito (Bissau e Lisboa) indicam que o número dos militares feridos durante o ano de 1970 é avaliado em cerca de 900. O que daria um total de 1718 perdas inimizadas (mortos e feridos).

Deve-se notar que, segundo as mesmas informações provenientes de Bissau, o Governador militar, durante uma reunião com os comerciantes, no princípio de Janeiro, revelou a estes que, só durante os meses de Novembro e Dezembro, as tropas coloniais tiveram 298 mortos.

Os nossos combatentes, que se apoderaram de quantidade importantes de armas e outros materiais do inimigo, destruíram, além disso, 85 veículos militares de diversos tipos, abateram 4 aviões e 7 helicópteros, e fundaram ou danificaram 34 barcos nos rios. Tomámos 9 campos fortificados entre os quais os importantes postos de Morcunda (no Leste), Ganturé (no Sul- e Ulencunda (no Norte. Três militares portugueses foram capturados e 8 outros desertaram do exército colonial.

4. SOBRE A AGRESSÃO IMPERIOLO-PORTUGUESA CONTRA A REPÚBLICA DA GUINÉ

Tivemos ocasião de tratar desta questão transcendente na Mensagem do Ano Novo dirigida ao nosso povo e aos nossos combatentes. No entanto, parece-nos útil voltar a falar deste acontecimento neste Relatório. Primeiro, porque se trata de um facto de grande alcance, não só no quadro da nossa luta armada de libertação, mas também para a História de África e do colonialismo português, e até mesmo para a luta geral dos povos contra o imperialismo. Segundo, porque se trata de uma experiência nova e devemos tirar dela as lições que se impõem, tanto para o presente como para o futuro da luta do nosso povo pelo progresso, na independência e dignidade. Finalmente, porque se trata de uma vitória fecunda da África, de todas as forças anti-imperialistas. Uma vitória para o nosso povo e o nosso Partido, e uma das mais vergonhosas, senão a mais vergonhosa derrota do colonialismo português ao longo da sua história.

(*) Relatório sobre a situação da luta, Janeiro de 1971.

A liberdade comum reconquistada

— discurso de Luiz Cabral

Como principal arquitecto das excelentes relações de amizade hoje existentes entre o nosso País e Portugal, o presidente Luiz Cabral não poderia deixar de festejar com um fervor particularmente sentido «a liberdade comum reconquistada» pelos dois povos unidos neste abraço de amizade duramente conquistada. Do discurso que proferiu no banquete oferecido ao chefe de Estado português, reproduzimos as passagens mais significativas:

«O acolhimento de que foram alvo ao pisarem hoje o solo da nossa pátria africana, além de exprimir o profundo e natural sentimento de hospitalidade do nosso povo, traduz sem dúvida uma atitude política: a decisão do nosso povo de viver plenamente a nova página que se abriu na História com a conquista da nossa independência e com o alvorecer de uma era de democracia para a velha nação portuguesa. Vivemos, assim, um dia de festa da nossa liberdade comum reconquistada. Liberdade cuja salvaguarda continuará a inspirar a solidariedade natural que nos liga e que juntos iremos continuar a desenvolver no interesse dos nossos povos.

(...) As contingências que rodearam a emergência do nosso país na grande cena da História determinaram condições particularmente difíceis para o início da nossa vida como estado independente. Com efeito, sofremos o peso de um sistema colonial particularmente retrógrado apoiado em estruturas fascistas condenadas tanto pelos povos africanos como pelo povo português; vivemos um longo período de luta armada que exigiu heroísmo e sacrifícios ao nosso povo; conhecemos o desequilíbrio ecológico e o cortejo de destruições motivadas pelas violências da confrontação armada, os desajustamentos operados no seio da nossa sociedade pelas mutações impostas pelo devir histórico; enfrentámos a existência de sectores que, ou por comprometimento com a velha ordem colonial ou por apego às situações privilegiadas de que foram beneficiários, hostilizavam os novos princípios e objectivos elaborados no decurso do processo libertador e de acordo com as aspirações populares ao progresso.

(...) Decerto, não desconheço, sr. Presidente, a afirmação tantas vezes repetida pelo nosso irmão e Fundador da Nacionalidade, AMILCAR CABRAL, que, identificando o objectivo último do nosso combate, situava nas profundas aspirações do nosso povo a uma vida digna e de progresso, a verdadeira motivação do seu empenhamento na via difícil da luta armada. Assim, um projecto social surgiu e começou a tomar corpo nas nossas regiões libertadas, enraizando profundamente no espírito dos dirigentes e militantes do P.A.I.G.C. a determinação intransigente de construir uma nação próspera e perfeitamente integrada num mundo novo de justiça, dignidade e progresso para todos os homens.

PATRIOTISMO É AMOR PELO PROGRESSO

Uma decisão inabalável de arrancar a nossa terra das garras do subdesenvolvimento é, sr. Presidente, o traço característico do novo combate deste país em que o patriotismo se confunde com o amor pelo progresso. Progresso, em primeiro lugar, das grandes massas camponesas que, constituindo a esmagadora

maioria da população e tendo suportado o maior peso da guerra, representa a força produtiva fundamental em que se apoia a nossa economia essencialmente agrária.

Consciente desta realidade e animado por um correcto sentido de justiça social, o nosso Governo considera que o eixo principal da sua política reside na melhoria progressiva das condições de vida das massas camponesas que, tendo beneficiado da elevação dos seus rendimentos através da valorização dos produtos do seu trabalho, gozam hoje, nas diversas regiões do país, das nossas realizações mais significativas, em particular nos domínios da economia, da saúde e da educação.

O processo libertador da Guiné-Bissau gerou igualmente um esquema de organização política, administrativa e judicial que, entregando às massas a resolução dos seus próprios problemas e garantindo-lhes uma permanente intervenção na condução dos assuntos do Estado, é um factor de animação da vida nacional e de elevação política e cultural das populações. Essa é, de resto, a marca dominante do nosso sistema de Democracia Nacional Revolucionária.

creve-se naturalmente num quadro mais amplo de relacionamento com os estados e povos dos outros continentes com os quais mantemos ligações antigas, materializadas no apoio multiforme e decisivo prestado à nossa luta armada de libertação nacional.

Define-se a nossa política internacional por um não-alinhamento consequente que consideramos como a pedra angular da nossa acção no plano externo e condição fundamental da nossa existência como estado verdadeiramente independente.

UM NÃO-ALINHAMENTO CONSEQUENTE

O nosso não-alinhamento, de essência anti-imperialista, recusa, antes de mais, toda e qualquer pretensão exterior tendente a impôr-nos soluções concebidas por outrem. Tendo reconquistado o direito à iniciativa histórica, defendemos e defenderemos, sem despendimento, a nossa independência de pensamento e acção, a qual se configura como a aquisição mais valiosa da nossa heróica luta de libertação nacional.

De acordo com esta opção fundamental, a República da Guiné-Bissau não adere a blo-

em várias regiões do Mundo, prosseguem a luta contra o colonialismo, o neo-colonialismo, o fascismo, o sionismo, o racismo e o sistema odioso do apartheid. Uma solidariedade natural mais vinculada impele-nos neste momento a concentrar a nossa atenção no apoio à luta conduzida pelos nossos irmãos da Frente Polisário, da FRETILIN, da O.L.P., da Frente Patriótica do Zimbabué, da SWAPO da Namíbia e da A.N.C. da África do Sul e aos esforços de defesa exigidos aos países da Linha da Frente pelas criminosas investidas das forças armadas do apartheid.

Ao mesmo tempo que se processa o combate pela liquidação dos últimos reductos da dominação dos povos, uma outra frente mobiliza as energias do chamado Terceiro Mundo com vista à instauração de uma nova ordem económica internacional mais justa e equilibrada. O triunfo desta causa decisiva é a condição que garantirá a verdadeira independência de países como o nosso que, através dos mecanismos económicos actuais, continuam a ver-se privados dos benefícios do progresso científico, técnico e tecnológico e espoliados das suas riquezas naturais.

Neste terreno em que os interesses convergentes dos nossos dois estados ditam uma acção concertada, procuramos, uns e outros, além da conquista de vantagens

progresso autêntico dos nossos povos. Por isso mesmo, encaminhamo-nos, a passos seguros, pela via da complementaridade e da convergência, no sentido da construção do edifício unitário que consagrará o pensamento de AMILCAR CABRAL, o homem político que, de forma genial, perspectivou na unidade o futuro dos povos da Guiné e Cabo Verde.

Não é mero produto do acaso o facto da existência de um clima harmonioso de relações entre Portugal, por um lado, e os nossos dois Estados africanos, por outro. Isso se deve a uma prática consequente baseada nos princípios definidos pelo PAIGC que, já no decurso da luta armada, soube levar à massa militante o esclarecimento ideológico necessário à identificação do verdadeiro inimigo — a dominação colonial — distinguindo-o do povo português que sempre foi solidário com o nosso combate contra as forças de opressão.

Tais princípios e prática enformaram nas relações de cooperação com Portugal, cujo campo se alarga hoje a diversos sectores na busca permanente de vantagens comuns e elevando o vosso país, a uma posição destacada no quadro da contribuição internacional ao nosso esforço de desenvolvimento.

E se os acordos recentemente negociados exprimem com eloquência o sentimento repetido da vossa disponibilidade para um diálogo franco com o nosso Estado emergente, eles traduzem, também com fidelidade, a nossa total abertura para a convivência que nos aponta o próprio perfil dos nossos países.

É, pois, com confiança que abordamos a nova etapa do nosso relacionamento, aberta pela visita com que Sua Excelência o Presidente da República Portuguesa, quis honrar o povo e os dirigentes da República da Guiné-Bissau. Temos, assim, a plena certeza de que, um diálogo frutuoso marcará esta visita, reflectindo-se num maior aprofundamento da cooperação e da solidariedade entre os nossos povos.

(...) A nossa confiança é tanto maior quanto é certo que V.ª Ex.ª demonstra ter a apreensão do facto que o estabelecimento de relações harmoniosas entre Portugal e os estados emergentes da luta contra o colonialismo português mais não é afinal de que uma nova fase do combate que os nossos povos fizeram juntos e que culminou com a libertação das nossas pátrias.

Pode estar certo, Sr. Presidente, que encontrará da parte da Guiné-Bissau, do seu povo e do seu Governo, o maior empenho em prosseguir, ao lado do povo e do Governo de Portugal, no largo caminho que já traçámos na busca conjunta de soluções que garantam a defesa dos interesses materiais e espirituais inscritos na nossa cooperação.

Peço-vos, Senhoras e Senhores, que me acompanhem num brinde à saúde de Sua Excelência o Senhor Presidente António Ramalho Eanes, de Sua Excelentíssima esposa, a quem renovo as minhas respeitadas homenagens, e nos votos que formulo pela prosperidade e felicidade da Nação Portuguesa.



O nosso sistema repousa numa concepção global do desenvolvimento e realiza-se através de um modelo que se elabora, com plena independência, em função das condições concretas do nosso país, da época e do Mundo em que vivemos.

Cedo compreendemos que só a inserção em conjuntos mais vastos poderia permitir ao nosso país, de modesta extensão geográfica, limitados recursos naturais e reduzida população, dimensionar um programa de desenvolvimento com perspectivas de sucesso. Esta conclusão realista, inscrita no Programa Maior do P.A.I.G.C., dita-nos uma conduta em política externa que se desdobra em círculos concêntricos de acção: ao nível da nossa sub-região africana, dos países africanos de expressão oficial portuguesa e ao nível continental. Esta política ins-

seu militares, não aceita no seu território a instalação de bases estrangeiras e procura a colaboração com todos os povos, na base dos princípios da coexistência pacífica e da reciprocidade de vantagens. A observância rigorosa deste princípio tem favorecido o alargamento do leque das nossas relações internacionais, o que nos permite beneficiar hoje do concurso valioso que prestam ao nosso esforço de desenvolvimento diversos governos de cujo convívio nos encontrávamos privados pelo colonialismo, ainda recentemente.

A prática consequente do não-alinhamento, que nos impõe vigilância e empenhamento na defesa dos princípios da auto-determinação e independência dos povos, estimula a nossa militância ao lado dos combatentes da liberdade que,

materiais justas, contribuir para a eliminação dos factores de tensão — em favor do desanuviamento internacional e da paz entre as nações.

O POVO PORTUGUÊS — UM ALIADO DE SEMPRE CONTRA O INIMIGO COMUM

Ao evocarmos em sua presença as nossas opções fundamentais, consideramos desnecessário insistir numa dimensão essencial da nossa vida: a unidade Guiné/Cabo-Verde. Alicerçada da História e no espírito dos homens conscientes das nossas terras, a unidade Guiné/Cabo-Verde inscrita no próprio acto da fundação do nosso Partido — o PAIGC —, é uma exigência do nosso devir como estados verdadeiramente independentes e sinceramente empenhados na realização do



Em resposta feriu uma alocução um chefe de Estado reconhecido cor

(...) Como primeiro sável do Estado, venho também nesta visita, a retribuir Portugal atribuí ao de mento efectivo das com os novos Estados nos que têm a língua guesa como património

(...) Os erros do comum — e em particular que se cometeram qu relações entre Portugal e Guiné, se sacrificaram timentos do povo por modelos que lhe não e a ambições que mente nunca teve — do passado nada pud tra o humanismo un de que Amílcar Cab entre vós o primeiro

Multiplicaram-se ameaças à normalidade dessas relações o prolongamento da — a recusa permanente ditatorial de p via das soluções pol gociadas — e a inc de compreender que solução que corres defesa dos interesses português e dos povos exigia o recon do direito dos povos terminação e à indep

Uma obstinação i vel, sem legitimidade e intelorável para os canos e para a ge das Nações civiliza como efeito a criação de divisões e mo. Impossibilitou a reflexão serena e u ração cuidada dos de transmissão de de reforço de ligaç nas.

(...) Os erros pol trágico acidente hist deram então prevale a única solução como a nossa voca séculos de vida em

(...) E é preciso a não procurámos a cildade, não ficam ao fatalismo isolaci ao ressentimento Soubemos reconhec indestrutível dos v turais e históricos de vos africanos, que

Proposta de progresso e tranquilidade

— resposta de Ramalho Eanes

namente a independência, a estabilidade e o processo dos novos estados africanos.

Portugal, que não se exime à expressão activa da sua solidariedade, obdecendo aos princípios a que se vincula na esfera internacional, não pode deixar de manifestar a sua preocupação pela multiplicação de conflitos no continente africano. De modo especial, preocupam-nos os conflitos que podem atingir directamente os países com os quais mantemos laços privilegiados de convivência e cooperação.

Entendemos defender intransigentemente — tanto nas nossas relações com os nossos aliados ocidentais como outros países europeus, como o nosso relacionamento com os estados africanos de língua portuguesa, como ainda nas tomadas de posição em organizações internacionais — defendemos a aplicação pacífica e negociada das resoluções adoptadas pela Comunidade Internacional, no âmbito das Nações Unidas, acerca da Namíbia, do Zimbabwé e do «Apartheid».

A resolução pacífica dos conflitos existentes na África Austral é indispensável à estabilização definitiva da situação na região e à defesa dos interesses de independência, segurança e desenvolvimento dos respectivos povos.

Qualquer outra perspectiva, nomeadamente a do prolongamento dos conflitos ou a do recurso a formas violentas de intervenção política, poderá conduzir a um afrontamento sangrento, cuja amplitude e consequências não se podem prever mas que, certamente, dificultará a realização dos interesses concretos dos povos africanos.

Por outro lado, consideramos que a persistência de si-

tuações conflituais promovidas ou estimuladas por interesses e agentes externos a África, além de constituir um precedente em absoluto inaceitável, representa uma ameaça preocupante para a segurança dos Estados africanos e para a paz no mundo, na medida em que cria áreas de tensão e de escalada de conflitos dificilmente controláveis.

Por todas estas razões, entendemos que é necessário definir e respeitar regras rigorosas de não-ingerência, procurando sistematicamente o recurso a soluções negociadas e eliminando os factores que possam provocar alterações radicais e negativas nos equi-

do continente africano.

Também por isso, consideramos que, para nos opormos consistentemente às ambições geopolíticas e às tentativas de dominação hegemónica no sistema internacional, temos de desenvolver um novo tipo de relações económicas, sociais, culturais e políticas. Relações mais orientadas para a correcção dos desequilíbrios e das distorções nas trocas, para o desenvolvimento, para a dignificação do homem e para o efectivo respeito entre as Nações.

Só nessa base será possível contrapor à destruição inerente às concepções belicistas um outro modelo, vantajoso e justo, que assegure, através

concepção global do que consideramos dever ser uma nova relação de solidariedade entre povos europeus e povos africanos.

Relação definida por uma cooperação fraterna, e portanto orientada pela igualdade e pela justiça, sem as quais não haverá nunca relações estáveis e harmoniosas entre os países, e em particular entre o Norte e o Sul.

Da concretização desta nova solidariedade depende, em grande medida, um futuro de progresso e de tranquilidade quer para os africanos, quer para os europeus.

Esse será um poderoso contributo para a criação de condições de um desenvolvimento efectivo das relações internacionais, o qual é incompatível com os desequilíbrios profundos e estruturais existentes hoje entre os países industrializados e os países em fases mais atrasadas de desenvolvimento. Desanuiamento que é, além disso, inconciliável com as tentativas de dominação hegemónica de potências incapazes de compreender as razões e as razões de quadro histórico euro-africano.

O projecto por que propugnamos não é excessivo para as nossas possibilidades, porque é um projecto necessário.

E temos a certeza de que os povos saberão encontrar a força e a consciência que o une numa interdependência imperativa.

Temos confiança em que a sabedoria, a experiência humana e política, a autenticidade da sua luta pela independência e pela garantia da soberania, motivarão os dirigentes africanos a construírem, conosco, este exemplo de fraternidade.

Temos especialmente confiança na atitude da Guiné-Bissau. (...)



do camarada Presidente Luiz Cabral, o general Ramalho Eanes prodepois de sublinhar o significado histórico da primeira visita que nte eleito pelos portugueses realiza oficialmente «ao primeiro Estado nte soberano pela antiga potência colonizadora», diria:

Portugal um país aberto entre os países e civilizações que ajudou a conhecerem-se.

Portugal e a Guiné-Bissau puderam retomar o seu caminho natural mais rapidamente, em consequência de condicionamentos específicos, fortemente influenciados pelo pensamento e acção de um dos grandes africanos do nosso tempo.

A herança política de Amílcar Cabral é um factor decisivo para a missão em que nos empenhamos, porque representa a visão africana da concepção que orienta os dois países.

O facto de um dirigente da estatura política e humana de Amílcar Cabral assumir a validade histórica essencial dos vínculos que Portugal estabeleceu com os povos africanos, reforça a razão para termos confiança no êxito final deste processo de aproximação.

Neste momento, a Guiné-Bissau e Portugal não estão apenas a construir um relacionamento estreito, embora paradigmático e desde já reciprocamente vantajoso. Os dois países estão a lançar os caboucos de um futuro de convivência ainda mais íntima, exigido pela longa comunhão de valores espirituais e morais e cuja concretização pode inspirar novos caminhos à cooperação euro-africana.

As nossas relações bilaterais, nas trocas comerciais e em todas as áreas de cooperação, são demonstrativas do valor do quadro do entendimento que é possível estabelecer entre Portugal e os novos estados de língua portuguesa.

Mais do que a afirmação ou a negação global do passado, que não teriam sentido, ou uma atitude de ressentimento, que seria injustificada relativamente aos sentimentos colectivos dos povos, importa agora compreender e aceitar a nova realidade e as suas potencialidades.

Este realismo não significa porém que se simplifiquem, com fins ideológicos, as relações do passado, e menos ainda que se pretenda

defender nelas o que foi injusto e errado.

Pelo contrário, implica a responsabilidade de assumir a especificidade dos laços que nos unem e de construir as nossas novas relações a partir do conhecimento mútuo, com o respeito recíproco próprio das relações entre estados independentes e soberanos.

Não é possível falar da posição de Portugal, na perspectiva da sua política africana, sem afirmar a ligação estreita entre os vectores da actuação portuguesa e a acção desenvolvida por Vossa Excelência. Os esforços que o Senhor Presidente Luiz Cabral tem realizado num quadro de intervenção que é complementar do nosso, os êxitos que, em medida maior, a Vossa Excelência se devem, fizeram os portugueses contrair uma dívida que jamais será esquecida e que é a prova mais segura da fraternidade que nos une.

O que muitos pensavam prematuro tornou-se possível graças à sua coragem política, à sua visão esclarecida do verdadeiro carácter das relações entre povos de história comum, a sua mediação ponderada quando novos obstáculos pareciam obstruir a rota da aproximação.

A sua obra, a nossa obra, está decerto incompleta e, em sentido pleno, permanecerá incompleta até ao fim da história dos nossos povos. As relações fraternas que restabelecemos continuarão para além do que poderemos viver. Mas a orientação política que aponta o rumo adequado, subsistirá, sejam quais forem as contingências do futuro, porque é a única admitida pela consciência histórica dos dois países.

RESPEITAR A NÃO-INGERÊNCIA

Os grandes objectivos das relações luso-guineenses e o seu desenvolvimento no quadro da cooperação exigem uma situação global de segurança, indispensável para que se possam consolidar e afirmar ple-

Um passeio de amigos

A margem do protocolo, e numa atitude que pode simbolizar o à-vontade entre amigos — que caracteriza o encontro entre os dois presidentes, Luiz Cabral e Ramalho Eanes fizeram uma «fugida» que permitiu ao presidente guineense mostrar ao seu hóspede de honra algumas realizações de que se orgulha o nosso Povo empenhado no esforço de Reconstrução Nacional: a oficina de montagem de automóveis Citroën, a fábrica de oxigénio e acetileno, e os apartamentos, construídos num prazo recorde de 50 dias, nos terrenos anexas ao Hotel 24 de Setembro. Esta foi a razão de atraso de quase uma hora na comparencia dos dois presidentes na inauguração das exposições da Semana da Cultura Portuguesa patentes no salão do III Congresso.

lábrios políticos e nas opções tomadas por estados soberanos e independentes.

Esta é uma posição que não se assume em abstracto, antes deriva do conhecimento concreto que Portugal tem das questões africanas e, ainda, da consciência de que a segurança e a estabilidade da Europa estarão cada vez mais dependentes da segurança, estabilidade e desenvolvimento

da estabilidade económica e política, do dinamismo e da dignidade das relações, em quadro de solidariedade efectiva.

A realidade das relações bilaterais entre a Guiné-Bissau e Portugal, tal como o quadro orientador das nossas relações com os outros países africanos de língua portuguesa, insere-se, para Portugal, numa



Está o clima a mudar ?

Por Passemalú ★

Uma vaca de frio, neve e temporais como não há memória tem fustigado este ano o continente europeu.

Em Moscovo a temperatura mais baixa que se conseguiu medir foi de 45 graus negativos, pois o mercurio congelou dentro dos termómetros.

Na Holanda, Bélgica e Suíça as temperaturas atingem facilmente os 10 graus negativos.

Na Polónia, o governo decretou o Estado de Emergência e só as indústrias mais importantes trabalham. Os trabalhadores dos restantes sectores estão integralmente mobilizados para ajudar a limpar neve das estradas e dos caminhos de ferro.

No outro lado do Oceano, nos Estados Unidos, alguma regiões têm atingido os 30 graus negativos.

No Japão, este ano, registou-se o mais severo inverno desde a Segunda Guerra Mundial, assim como o mais quente Verão do século e a mais curta estação das chuvas de que há memória.

Também nós, na Guiné-Bissau sofremos no ano passado a mais curta e menos pluviosa estação das chuvas que os registos meteorológicos perpetuam.

Pergunta-se: tudo isto porquê?

O HOMEM CONTRA A NATUREZA

Já lá vão milénios de anos quando uma bola de fogo se foi gradualmente transformando naquilo que é hoje o planeta TERRA.

De então para cá inúmeras mudanças de clima foram provocando alterações determinantes o que possibilitou o aparecimento sucessivo dos microorganismos, vegetais superiores, plantas e árvores. É assim que os animais

ao se alimentarem destes diferentes tipos de vegetação se vão transformando até ao aparecimento dos vertebrados.

É a variação de clima e particularmente a mudança da atmosfera terrestre que vai permitir o aparecimento da espécie que mais tarde, tanta responsabilidade teria na variação dos solos, da vida terrestre, do clima, enfim, da ecologia, e que hoje testemunhamos tão claramente: O homem!

A natureza vive num equilíbrio entre todos os seus componentes. Mas, quando por vezes este se rompe, só as espécies que souberem ou puderem adaptar-se ao novo nível de equilíbrio, poderão sobreviver.

É assim que ao longo da sua vida a terra viu desaparecer e aparecer múltiplas espécies, todas elas correspondendo às condições naturais prevalecentes.

Como iremos ver adiante, desde sempre o Homem tem contribuído para a alteração do clima ao lutar contra a natureza, para a vencer, para a domesticar.

Poucas vezes pensou em compreendê-la e trabalhar com ela e não contra ela.

É assim que utilizando essa terrível arma que é o fogo, provocou e provoca queimadas em superfícies enormes, destruindo as florestas, destruindo os solos, destruindo todo o tipo de matéria viva.

E nós na Guiné-Bissau sabemos bem o que isso é...

Não foi só na África que as queimadas provocaram grandes destruições de espécies. Também na Europa, em épocas recuadas da História, imensos incêndios destruíram a sua cobertura vegetal, diminuindo a sua capacidade biológica.

A principal razão das queimadas foi e é a caça.

No entanto, a desproporção entre a extensão das terras devastadas pelo fogo e a quantidade irrisória de caça obtida, é enorme. As consequências são desastrosas!

Está hoje cientificamente provado que outrora, o local onde actualmente se encontra o deserto do Sahara era uma região rica do ponto de vista florestal, pecuário e agrícola.

Sabe-se hoje que em certa altura da História, as regiões polares estavam cobertas de árvores tropicais.

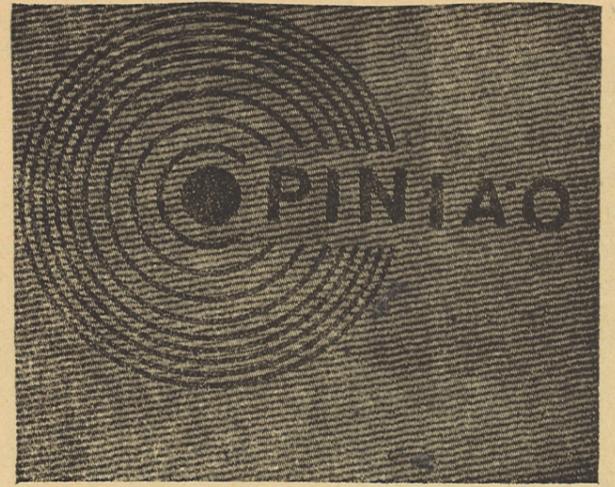
Na Guiné-Bissau, ainda há anos atrás o norte das regiões de Bafatá e Gabú era povoado por uma floresta muito mais densa que a actual. A penetração galopante do deserto do Sahara que não encontrou a resistência duma floresta que tinha sido

consecutivamente flagelada por queimadas devastadoras, transforma anualmente a face desta zona, alterando gradualmente o seu clima, que já pertence indiscutivelmente ao Sahel.

Também na fauna se tem constatado o rareamento de certas espécies, como elefantes, leões, onça, chimpanzés, etc, que fugindo às dificuldades provocadas pela mudança do clima, se têm deslocado mais para o Sul.

O PAPEL DA AGRICULTURA...

Também a agricultura, desde o seu início, serviu para destruir os solos. Evidentemente que ela só por si não é um agente demolidor dos solos. Trata-se daquela agricultura praticada, sem o conhecimento da dinâmica dos



solos e da sua capacidade.

Isso provoca ou uma super utilização dos solos levando-os a um estado de pobreza irreversível ou a uma má utilização permitindo que a erosão pela chuva e pelo vento os destrua, pondo à mostra, como é típico no nosso país nas regiões de Bafatá, Gabú e Boé, uma rocha vermelha — a laterite.

Isto significa que se vai levar muitos anos (dezenas centenas milhares) até que pela acção da natureza (águas das chuvas, micro-organismo, etc) esses terrenos possam uma vez mais ser utilizados pelo homem para a agricultura.

E DA INDUSTRIA

Mais recentemente, principalmente nos países «desenvolvidos» a introdução indiscriminada de todo o tipo de indústrias, tem sido apontado como uma das causas desreguladoras do clima.

Por exemplo: O grande consumo de energia eléctrica em corrente alternada nas grandes cidades parece ser o causador de desarranjos na cintura magnética do globo, provocando sobre essas cidades uma chuva de partículas, a qual provoca a condensação do vapor de água e envolve essas cidades numa bruma cons-

tante.

É assim que nos fins de semana, quando as fábricas param, e o consumo de energia diminui, as condições climáticas melhoram sensivelmente.

Estes são alguns aspectos em que se vê claramente o papel que o homem desempenhou durante toda a sua existência como alternador do clima.

O problema que se põe actualmente é dramática: Ou o Homem continua a desprezar a natureza, utilizando de forma irracional os meios que a ciência pôs à sua disposição, arriscando-se desta forma a provocar alterações climáticas que ele nunca mais controlará, podendo provocar inclusive o desaparecimento da sua própria espécie (e aí está a ciência a explicar-nos como e porque foram desaparecendo e surgindo nas espécies ao longo da História do planeta...), ou então recorrendo à sua inteligência criadora, procurará encontrar as soluções que servindo-o, manterão, no entanto, o equilíbrio da natureza.

Pensamos abordar num próximo artigo algumas das alternativas que se colocam, assim como as suas profundas implicações económicas e políticas.

(técnico da Agricultura)

Anúncios

O Banco Nacional da Guiné-Bissau tem o prazer de avisar os seus estimados clientes de que, tendo em atenção a subida do custo de vida, foram aumentados os limites máximos das transferências a favor de estudantes.

São os seguintes os novos limites, para os estudantes que se encontram em Portugal: — Estudantes frequentando cursos Médios ou Superiores ... Esc. 5.000\$00 — Restantes casos ... Esc. 3.500\$00

Os interessados em aumentar as mesadas já estabelecidas, deverão solicitá-lo por carta ao BNG, que apreciará caso a caso os pedidos que lhe foram propostos, os quais serão aprovados desde que a mesada já tenha sido fixada ou renovada e que, com o aumento solicitado, não seja o valor em PG a transferir igual ou superior a 50% do rendimento mensal do requerente.

Os novos pedidos continuarão a ser apresentados nos moldes habituais.

Esta medida entra em vigor a partir do corrente mês de Fevereiro, desde que os pedidos de aumento sejam presentes ao BNG até ao dia 15 de Março próximo. A partir dessa data, o aumento terá efeito a contar do mês em que tiver sido solicitado.

CONVOCATÓRIA

Nos termos legais e estatutários, convoco a Assembleia Geral Ordinária da NAGUCAVE para a sua 2ª reunião, no próximo dia 7 de Março de 1979, pelas 18,00 horas, na Sala da Escola Náutica dos Serviços de Marinha em S. Vicente, com a seguinte ordem do dia:

- 1.º — Posse dos Órgãos Sociais.
 - 2.º — Relatório das Actividades e Contas;
 - 3.º — Aquisição de Nova Unidade.
- Cidade do Mindelo em S. Vicente, 2 de Fevereiro de 1979.

O Sport Bissau e Benfca leva a efeito no seu salão de festas o tradicional baile de Carnaval nos dias 24, 25, 26 e 27 do corrente mês, abrilhantado pelo conjunto «N'Kassa Cobra».

O acesso ao referido baile só dá direito aos sócios com as quotas em dia e os seus respectivos convidados.

A Embaixada da Grã-Bretanha em Dakar pretende alugar ou comprar uma casa para a instalação de um centro pedagógico de língua inglesa, em Bissau. Este projecto insere-se no quadro da cooperação entre o Governo Britânico e o Governo da Guiné-Bissau.

A casa deve ser suficientemente grande para comportar três salas de aula e um apartamento para o director.

Os interessados devem contactar com o Consulado Britânico em Bissau, pelo telefone — 3349.

Nô Pintcha

Trisemanário do Commissariado de Informação e Cultura — Sai às terças, quintas e sábados.
Serviço Informativo das Agências: AFP, APS, TASS, ANOP, Prensa Latina, APN e Nova China.
Redacção, Administração e Oficinas — Avenida do Brasil — Telef.: Redacção 3713/3728 — Administração e Publicidade, 3726.
Assinatura — (Via Aérea) Guiné-Bissau e Cabo Verde:

Um ano 700,00 P.G.
Seis meses 450,00 P.G.
Assinatura (Via Aérea) África, Europa e América:
Seis meses 550,00 P.G.

Caixa Postal, 154 — BISSAU-GUINÉ-BISSAU

Aumenta a guerrilha no Zimbabwé

Atacado o aeroporto da capital



Chadli Benjedid e Hassan II

Argélia

Novas estruturas de poder

ARGEL, 19 — Em menos de três dias, o Bureau Político do Partido FLN decidiu a organização interna do partido e do Estado.

Sob a presidência do novo chefe de Estado, coronel Benjedid Chadli, os 17 membros do Bureau Político pronunciaram-se sobre a estruturação interna do Comité Central (criação de comissões políticas especializadas) e a reestruturação do governo (redução de certos ministérios e criação de secretariados de Estado) assim como sobre as pessoas a nomear à testa de cada departamento. Foi também elaborado o conteúdo da reforma constitucional que deverá realizar-se brevemente.

Nos próximos dias, o Comité Central da FLN será convocado para se debruçar sobre os trabalhos que o Bureau Político submeterá à sua aprovação. A seguir, a Assembleia Popular Nacional deverá reunir em sessão extraordinária para reformar a Constituição.

bre os trabalhos que o Bureau Político submeterá à sua aprovação. A seguir, a Assembleia Popular Nacional deverá reunir em sessão extraordinária para reformar a Constituição.

ENCONTRO CHADLI-HASSAN II

Um encontro entre o rei Hassan II do Marrocos e o presidente argelino Benjedid Chadli «é provável» — indicou antontem Olivier Stirn, secretário de Estado francês dos Negócios Estrangeiros.

Stirn lembrou que a França associou-se à declaração dos países do Mercado Comum Europeu que reconhece o direito do povo saharauí à autodeterminação.

Por seu lado, o novo presidente argelino reafirmou o «apoio solidário da Argélia aos combatentes saharauis até que as suas aspirações nacionais sejam satisfeitas». Numa mensagem enviada ao presidente do Comando da Revolução da RASD, o coronel Chadli renovou a sua «confiança no desfecho inevitável do combate libertador dos saharauis».

A visita que o rei Hassan II efectuou à França é «a prova do seu crescente isolamento no plano internacional no conflito que o opõe ao povo saharauí» — afirmou em Luanda o representante da Frente Polisário em Angola, Azizi Obeid. (FP)

LUSAKA, 20 — O movimento de libertação do Zimbabwé dirigido por Joshua Nkomo, um dos líderes da Frente Patriótica, reivindicou antontem a responsabilidade do ataque a morteiro realizado na segunda-feira à noite pelos combatentes da liberdade contra o aeroporto internacional de Salisbúria. Nkomo citou uma mensagem que recebeu dos combatentes que actuam no interior do Zimbabwé: «Camarada presidente, as nossas forças na província central atacaram o aeroporto internacional de Salisbúria, danificando os edifícios, a pista e alguns aviões».

Os combatentes dispararam cerca de 15 obuses de morteiro sobre o aeroporto, uma hora antes da chegada do último voo do dia, vindo de Johannesburgo (África do Sul). Este ataque foi o primeiro efectuado pelos guerrilheiros do Zimbabwé, desde o início da luta armada, há seis anos.

O aeroporto, situado a 12 quilómetros do centro de Salisbúria, compreende também uma secção militar, a base

«New Sarum», uma das mais importantes do país.

Trata-se do terceiro ataque contra instalações estratégicas de Salisbúria em poucas semanas, depois da destruição de 27 reservatórios de combustíveis em Dezembro último, e do ataque contra a principal central eléctrica da capital na semana passada.

Esta vaga de operações de guerrilha urbana segue-se à declaração da Frente Patri-

tica do Zimbabwé sobre a intensificação dos seus ataques contra o regime ilegal, destinados a perturbar a realização das pseudo-eleições gerais previstas para 21 de Abril.

A operação contra o aeroporto de Salisbúria decorreu 15 horas após a agressão da aviação rodésiana contra a região de Chimoió, cerca de 80 quilómetros no interior de Moçambique. A agressão contra Chimoió constitui o segundo ataque rodésiano contra um país vizinho em três dias. No sábado e domingo passado, os aviões rodésianos bombardearam objectivos no território zambiano, perto da cidade de Livingstone, na margem do rio Zambeze que forma a fronteira entre os dois países. — (FP)

Sekou Touré na Costa do Marfim na próxima semana

ABIDJAN — O presidente da República da Guiné, Sekou Touré, efectuará na próxima semana uma visita de amizade à Costa do Marfim, a convite do presidente Felix Houphouët Boigny.

O chefe de Estado guineense chegará a Yamoussoukro, aldeia natal do presidente marfinense, no dia 26, e regressará a Conakry no dia seguinte. Será a primeira visita de Sekou Touré à Costa do Marfim desde a reconciliação entre os dois presidentes registada em Março último em Manróvia, por iniciativa do presidente William Tolbert da Libéria.

AUTORIZADO O COMÉRCIO PRIVADO

O comércio privado vai ser oficialmente autorizado na República da Guiné, à margem do comércio popular, mas sob condições muito precisas, anunciou o chefe de Estado guineense.

Sekou Touré acrescentou que este comércio privado se refere a todos os produtos não reservados ao comércio popular. Num discurso pronunciado na abertura do Conselho Regional da Revolução de Conakry, o presidente da Guiné disse que o exercício deste comércio privado por comerciantes vindos do exterior ou residentes na Guiné será condicionado à concessão de uma autorização administrativa e em condições «muito precisas» que constituirão um «compromisso de honra».

Este compromisso de três pontos prevê nomeadamente o engajamento do comerciante de «nunca privar o povo guineense de alimento», «de nunca preferir o dinheiro à nação» e finalmente de «não praticar fraudes económicas pela saída ilegal de produtos e de mercadorias da Guiné».

O chefe de Estado guineense indicou por outro lado que os comerciantes privados deverão também respeitar os

preços oficiais, depôr uma caução de 250 mil sylis numa conta bloqueada no banco, e contribuir para o orçamento geral com uma quantia anual de 50 mil sylis.

Em compensação, sublinhou o presidente Sekou Touré, o Estado guineense assegurará regularmente o abastecimento das lojas em artigos de importação ou de produção industrial local e permitirá aos comerciantes introduzir livremente, mediante o pagamento do direito alfandegário regulamentar, os seus haveres financeiros ou bens de consumo depositados no exterior. O pagamento de impostos sobre os benefícios industriais e comerciais será também suprimido.

O presidente da Guiné-Conakry reafirmou que o comércio popular, que obteve resultados positivos no ano passado na região de Conakry, será mantido. O comércio popular tem o monopólio dos cereais, da mandioca seca, da mancarra, do café, do óleo de palma e dos bovinos. (FP)

Política agressiva de Israel nos territórios árabes ocupados

AMAN — A política agressiva de Israel nos territórios árabes ocupados foi denunciada pelas autoridades da Jordânia, cujo ministro dos Negócios Estrangeiros, Hassan Ibrahim, manifestou na segunda-feira a sua profunda inquietação perante esta situação.

Ibrahim acusou as autoridades de ocupação de prosseguir num ritmo acelerado a criação de pontos de povoamento. No final de uma conversa com os embaixadores da URSS, da França, da China e do Koweit, acreditados em Aman, assim como com o Encarregado de Negócios checoslovacos na Jordânia, o ministro jordano declarou à imprensa que o seu país iniciou contactos urgentes com países da comunidade internacional e com a ONU, a fim de tentar acabar com a política de Israel que visa introduzir mudanças substanciais nos territórios árabes ocupados.

O representante da Jordânia na ONU, Hazem Nousseibeh, anunciou na sexta-feira

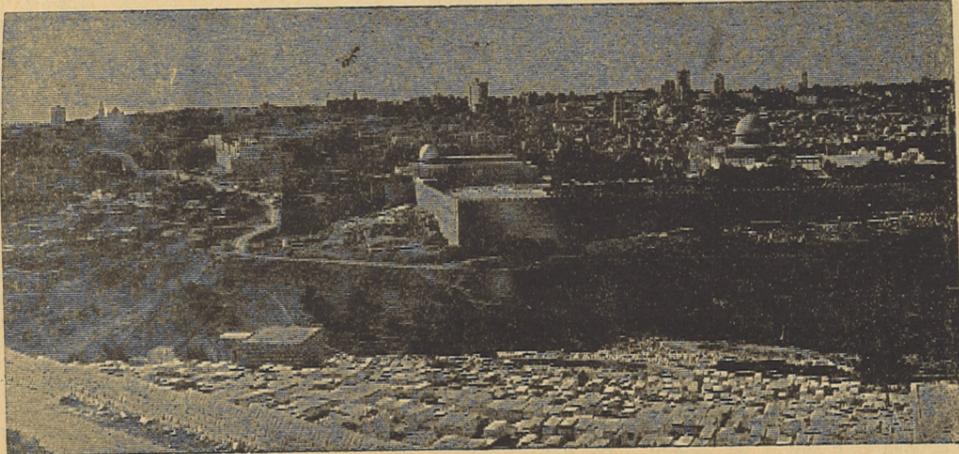
passada a intenção do seu país de pedir a convocação urgente do Conselho de Segurança para examinar a «inquietação erosão da presença palestina nos territórios ocupados».

Soubese por outro lado, que as autoridades israelitas prenderam na segunda-feira 12 ministros do culto islâmico de Jerusalém-Este. Eles são acusados de «actividades que

ameaçam a segurança do Estado». É a primeira vez que tal medida é tomada contra os religiosos muçulmanos.

Por seu lado, Yasser Arafat, presidente do OLP, inaugurou na segunda-feira de manhã em Teerão, o primeiro Bureau da OLP no Irão, situado no antigo bureau da missão económica de Israel no Irão. No mesmo dia em Paris, Farouk

Kaddoumi, chefe do Departamento Político da OLP, sublinhou, durante um encontro com o ministro francês dos Negócios Estrangeiros, Jean François Poncet, que «a posição da OLP convergia com a opinião do presidente Giscard D'Estaing, segundo a qual as Nações Unidas deveriam ser o quadro para uma solução global no Próximo-Oriente». — (FP)



Jerusalém: cidade ilegalmente ocupada por Israel. (Foto ADN)

TRACTORES DA ARGÉLIA PARA O MADAGÁSCAR

ANTANANARIVO — Um lote de cem tractores providos de charruas, donativo argelino ao Madagáscar, foi oficialmente entregue às autoridades malgaches na quinta-feira passada, no porto de Tamatave. Destinados às Forças Armadas Populares, estes engenhos agrícolas foram oferecidos pelo presidente Boumediene ao chefe de Estado malgache. Didier Ratsiraka, durante uma visita oficial que efectuou a Argel em Julho passado. — (FP)

LIBIA TEM URÂNIO

KOWEIT — Importantes jazigos de urânio foram descobertos na Líbia, anunciou o jornal koweitiano «Al Rai Al-Aam». O jornal precisou que os técnicos que dirigem os trabalhos de prospeção esperam descobrir outros jazigos de metais raros na parte norte de África, «o que representará uma nova fonte de riqueza para os países desta região», concluiu o jornal. — (FP)

ACORDOS NIGÉRIA-RWANDA

LAGOS — A Nigéria e o Rwanda assinaram acordos de cooperação económica, científica e técnica no final das conversações que tiveram lugar no domingo passado em Lagos, entre responsáveis governamentais dos dois países. Estes acordos abarcam o sector agrícola, comercial, industrial, a troca de peritos, de conselheiros, e de informação científica e técnica. — (FP)

COOPERAÇÃO FINANCEIRA LIBIA-GUINÉ

TUNIS — Um acordo de cooperação financeira e económica foi assinado no domingo em Trípoli, entre a Líbia e a República da Guiné. A agência de Informação Líbia JANA precisou que este acordo foi assinado do lado líbio pelo secretário (ministro) das Finanças, Mohamed El-Zarrouk Rajeb, e do lado guineense pelo ministro do Plano e da Cooperação, N'Faly Sangaré. — (FP)

CONGRESSO NO MALI

BAMAÇO — O congresso da União Democrática do Povo Maliano (UDPM) decorrerá de 28 a 31 de Março próximo, anunciou a rádio-Mali. O adiamento das datas das jornadas de estudo, previstas inicialmente para 15 a 17 de Fevereiro, foi pedido pelas secções da UDPM, a fim de permitir uma discussão mais alargada e aprofundada dos documentos que lhes foram submetidos com vista ao congresso. — (FP)

AKUFFO NA LIBÉRIA

MONRÓVIA — O chefe de Estado do Ghana, general William F. Akuffo, encontra-se desde terça-feira em Monróvia para uma visita oficial de três dias à Libéria. As conversações oficiais tiveram lugar ontem de manhã e incidiram sobre a questão das condições de entrada de generais na Libéria; alguns imigrantes ilegais vindos do Ghana foram proibidos de entrar na Libéria. — (FP)

CONGRESSO DE PEDIATRIA

NAIROBI — O primeiro congresso de pediatras da África decorre desde segunda-feira na capital queniana. Os seus participantes examinam uma série de problemas relativos ao melhoramento da assistência médica às crianças. O congresso foi inaugurado por Mwai Kibaki, vice-presidente e ministro das Finanças do Quénia. — (Tass)

"A melhor prova de solidariedade"

Eanes à chegada

Ao pisar o chão da Guiné-Bissau livre e independente, o presidente português quis assinalar esse momento histórico com uma saudação ao nosso povo. Dessa saudação, retemos as passagens mais significativas:

A visita que hoje inicio, consagra o entendimento fraterno e exemplar de dois Estados soberanos que mutuamente se respeitam. Mas confirma sobretudo o reencontro de dois povos, cuja amizade e compreensão a degenerescência colonial foi incapaz de destruir. Amílcar Cabral, o grande dirigente africano cujos ideais honram simultaneamente a cultura guineense e a cultura portuguesa, afirmou um dia que, com a luta de libertação, o povo da Guiné-Bissau dava ao povo de Portugal a melhor prova de solidariedade. As excelentes relações entre os nossos dois países desde a vossa independência confirmam esta visão profética. Mas a cooperação franca, leal e aberta que se estabeleceu deve igualmente muito à lucidez e sensibilidade do presidente amigo Luiz Cabral. Por isso, desejo principiar esta visita saudando no presidente Luiz Cabral o estadista que soube inter-

pretar e prosseguir o pensamento de Amílcar Cabral, afirmando-se como seu herdeiro espiritual e histórico. Devo no entanto acrescentar, com a mesma sinceridade que deve existir entre povos irmãos, que tudo quanto se conseguiu no estreitamento das relações entre Portugal e a Guiné-Bissau tem igualmente que ver com a capacidade do homem português para fazer de todos os outros homens seus irmãos. Espero que esta visita me permita sublinhar a importância que o povo português atribui às relações de convívio fraterno com o povo soberano e irmão da Guiné-Bissau. Importância no quadro das relações entre dois Estados soberanos e independentes, mas também nas relações multilaterais de dois países que historicamente têm um papel pioneiro na aproximação entre a Europa e a África, na aproximação entre os homens.

Presidente Ramalho Eanes

(Continuação da 1.ª página)

visita do Presidente Ramalho Eanes ao nosso país. A sessão constou de duas partes: a primeira, preenchida com músicas de Schubert e Chopin interpretadas ao piano por Augusto Pereira, director da

TODO O POVO NA RUA

Foi no seu segundo dia que a visita do Presidente da República Portuguesa conheceu a real dimensão do carinho com que as populações do nosso país acolhem este momento histórico exemplar, pa-

do pelo camarada Comissário Principal, João Bernardo Vieira, numa atmosfera de verdadeira manifestação popular, a que não faltaram as danças tradicionais e o ritmo marcado dos bombolons e do palmo percutido por milhares de mãos.

Cacheu, Duke Djassi, saudou o nosso hóspede de honra, de quem disse que «não representa o colonialismo português, mas sim um Portugal novo e livre».

Em resposta, e num improviso o general Ramalho Eanes transmitiu a mensagem do povo português aos homens e mulheres de Cantchungo, «ao povo livre e irmão da Guiné-Bissau independente e soberana». E prosseguiu «não vamos esquecer o passado, porque fizémo-lo em conjunto e, se períodos de guerra houve, foram apenas uma excepção ao longo da História, porque vivemos juntos e temos uma História comum».

O presidente Eanes visitou seguidamente o Hospital de Cantchungo e o quartel da cidade, onde lhe foram prestadas honras militares. Antes, o nosso visitante tivera oportunidade de conhecer o Internato de Pelundo, onde cerca de 150 filhos de combatentes da liberdade da pátria caídos no campo da honra recebem uma formação que, até há quatro anos, só podiam receber nos centros educacionais das zonas libertadas, constantemente ameaçadas por bombardeamentos. À tarde, o chefe de Estado português visitou o Centro de Extensão Rural de Bachile e, depois do almoço que lhe foi oferecido na sede do Comité de Estado da Região de Cacheu, visitou também um barco-patrolha da nossa Armada surto no Rio Cacheu.

Perante milhares de pessoas concentradas na maior praça de Cantchungo, o camarada presidente do Comité de Estado da Região de

ra a África e para o Mundo. Em Cantchungo e Cacheu, todo o povo veio para a rua, rodeando o chefe de Estado visitante, que era acompanhado



Escola Nacional de Música; e a segunda parte por canções tradicionais e estrangeiras interpretadas por artistas nacionais.

Zaire: novamente os "páras" na evacuação de cidadãos belgas

BRUXELAS — Os 250 páraquedistas belgas estacionados actualmente na base zairota de Kitona, a 300 quilómetros a oeste de Kinshaza, prepararam um plano de evacuação do conjunto dos belgas no Zaire, informava na terça-feira o

jornal liberal flamengo «Laatste Nieuws».

Os militares belgas, segundo o jornal, estariam a estudar as possibilidades de aterragem de grandes aviões da companhia de aviação civil «Sabena» na própria base de Kitona.

É de se recordar que o Primeiro-ministro belga, Paul Vanden Boyenants, afirmou mais de uma vez que a missão dos militares belgas no Zaire, se limitava exclusivamente, à instrução ao exército zairota.

Contudo, no domingo passado, não se excluiu a possibilidade, «em caso de distúrbios graves», da realização de uma «operação de salvamento» dos cidadãos ocidentais levada a cabo pelas tropas belgas estacionadas a uma hora de voo da capital zairota. Este mesmo facto foi apontado pelo jornal flamengo, acima citado, que precisa existirem certos planos prevendo a evacuação de refugiados ocidentais para Libreville, no Gabão.

Por seu lado, a «Sabena» revelou que os seus

estatutos prevêm a colocação à disposição do governo dos seus aviões em caso de evacuação urgente de cidadãos belgas no estrangeiro. No entanto, um seu porta-voz, indicou que, de momento, não havia nenhuma ordem de requisição ou execução de uma tal medida.

Entretanto, um navio da marinha de guerra belga, o «Zinnia» partiu na terça-feira de manhã com destino ao Zaire, transportando um hospital de campanha, medicamentos, munições e alguns veículos blindados ligeiros. Na passada sexta-feira, Vanden Boyenants sublinhara que este barco não seria armado e estaria destinado eventualmente «a um apoio logístico». — (FP)

Taça Amizade

(Continuação da 1.ª página)

tro, além de membros da comitiva presidencial visitante, vários dirigentes do nosso Partido e Estado, entre os quais o camarada João Bernardo Vieira, Comissário Principal do Conselho dos Comissários de Estado.

No intervalo, numa pequena cerimónia junto ao rectângulo de jogo, o presidente do Boavista, capitão Valentin Loureiro, ofereceu lembranças do seu clube aos dois Chefes de Estado, guineense e português, após estes terem cumprimentado os jogadores perfilados em frente à tribuna de honra.

Quanto ao encontro em si, esta indiscutível vitória do Boavista começou a desenhar-

-se desde os primeiros minutos de jogo. Esteve em evidência a larga superioridade física e técnica dos jogadores da equipa visitante, contra uma actuação decepcionante da turma nacional, facto que a nós, não nos surpreendeu, visto que a Selecção teve uma semana de concentração.

O primeiro golo surgiu aos 23 minutos de jogo, apontado de cabeça por Salvador. Os dois restantes com que se fechou a contagem da primeira parte, foram marcados quase de rajada, primeiro por Jorge Gomes, aos 26 e depois por Queiroz, aos 28 minutos. Logo no início da segunda parte, Abel, o guarda-redes da Selecção Nacional, que estava muito inseguro, foi substituído por Mário João.

China-Vietnam

(Continuação da 1.ª página)

dos destruídos. No extremo-este desta zona, acrescentou a rádio, no golfo de Tonquim, uma divisão chinesa foi repelida pelas unidades locais.

Na região de Lai Chau, mais 300 chineses foram mortos e dois carros destruídos.

Por seu lado, a China mantém oficialmente um mutismo sobre a progressão das tropas. O vice-Primeiro Ministro chinês, Wang Zhen, reafirmou ontem de manhã em Pequim, no decorrer de um encontro com Hans J. de Koster, presidente do Conselho da Europa, que as tropas chinesas se retirariam do Vietnam quando «os seus objectivos forem alcançados».

Fontes próximas da agência de defesa japonesa em Tóquio consideram que os combates poderão desenvolver-se numa grande escala se o Vietnam introduzir as suas tropas regulares nas batalhas, e que os chineses teriam muitas dificuldades para se retirarem, caso os vietnamitas lançassem contra-ataques massivos.

Segundo os observadores, a China terá dificuldades em bater a retirada depois da sua invasão ao Vietnam, face a um exército vietnamita aguerrido e bem equipado.

Atal Behari Vajpayee, ministro indiano dos Negócios Estrangeiros, declarou ontem que o ministro dos Negócios Estrangeiros do Sri Lanka irá brevemente ao Vietnam e à China no quadro da acção dos países Não-Alinhados, destinada a apaziguar a crise na Indochina. Vajpayee precisou que o actual presidente do Bureau de Coordenação do movimento Não-Alinhado visitará também Nova-Deli, no quadro da mesma viagem, segundo o ministro indiano, o Bureau de Coordenação procedeu a um exame informal da situação na Indochina.

Anteontem, o governo indiano condenou «a incursão armada massiva» da China no Vietnam e exigiu que as tro-

pas de Pequim se retirassem. Nova-Deli afirmou que esta medida (a retirada) deve ser tomada «assim que for possível, senão haverá um novo aumento do conflito e um perigo para a paz mundial». «As forças armadas chinesas devem ser retiradas antes que o problema não seja agravado pela escalada numa perigosa cadeia de reacções».

Por seu lado, a Grã-Bretanha pediu também à China para retirar as suas tropas do Vietnam. Em Havana, os observadores consideram que Cuba, está pronto para enviar tropas ao Vietnam. Raul Castro, ministro cubano da Defesa encontra-se em Moscovo, onde foi recebido pelo seu homólogo soviético, marechal Oustinov e por Konstantin Roussakov, secretário do Comité Central do PCUS.

Angola e a RDA «condenaram a política de agressão da China e exprimem a sua profunda indignação perante a agressão da China contra o povo heróico do Vietnam», declarou um comunicado conjunto difundido em Luanda na terça-feira de manhã, no final da visita oficial a Angola, do presidente do Conselho de Estado da RDA, Erich Honecker.

O governo moçambicano condenou também anteontem a «agressão chinesa contra o Vietnam», e pediu a Pequim para retirar imediatamente as suas tropas do território vietnamita. Um comunicado do Conselho de ministros sublinhou que Moçambique e China mantiveram sempre relações amigáveis, mas que os princípios da paz, da resolução pacífica dos conflitos entre os Estados, do respeito pela independência, soberania e integridade territorial, obrigam Moçambique, apesar das relações tradicionais de amizade entre os dois países, a condenar esta acção da China». (FP, Tanjug)